

# EXPECTATIVAS DO PROCESSO DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL DA POPULAÇÃO IDOSA

**Paula Sousa**

Instituto Superior de Serviço Social do Porto | e-mail: 200121015@issp.pt | <https://orcid.org/0009-0006-1749-8003>

**Madalena Sofia Oliveira**

Instituto Superior de Serviço Social do Porto | Centro de Investigação em Justiça e Governação – JusGov-UM | [madalena.oliveira@issp.pt](mailto:madalena.oliveira@issp.pt) | <https://orcid.org/0000-0002-1764-1475>

## **Resumo**

O envelhecimento da população em contexto prisional tem vindo a acentuar-se, assistindo-se anualmente a um acréscimo de reclusos considerados idosos em cumprimento de pena efetiva de prisão. Estes indivíduos para além de idosos, são encarados como infratores da lei criminal, o que conduz a uma variedade de consequências, que se refletem nas mais variadas dimensões das suas vidas, quer durante a vida intramuros, quer aquando da obtenção da liberdade.

Com o objetivo de compreender as perceções e expectativas quando ao processo de reintegração social da população idosa reclusa levamos uma investigação, recorrendo para o efeito ao método qualitativo, com recurso à técnica de entrevista dirigida à população reclusa de dois estabelecimentos prisionais. A amostra é composta por vinte e oito reclusos/as idosos, a cumprir pena de prisão em Portugal.

Os resultados obtidos referem que os/as reclusos idosos/as possuem alguns recursos individuais, de destacar: o lugar de residência para viver aquando da liberdade; consideram igualmente a família, concretamente os filhos como um recurso como forma de suprimir alguma necessidade que possa surgir, encarando desta forma com otimismo e positividade.

As expectativas dos reclusos idosos quanto à reintegração social incidem essencialmente no apoio que esperam encontrar no seio familiar assente numa troca de papéis e relações de proximidade e entreajuda familiar. Ponderam vir a exercer uma atividade laboral como forma de obterem rendimentos para a sua subsistência. Salienta-se a

importância de apostar em medidas efetivas que garantam uma resposta adequada às necessidades desta população.

*Palavras-chave:* reclusão; idosos; liberdade; reintegração social; expectativas

## **Introdução**

O panorama português no que concerne ao envelhecimento populacional tem vindo a tornar-se motivo de preocupação ao nível da realização de vários estudos e trabalhos académicos acerca desta temática. Vários autores (Estevens, 2017; Nunes, 2017; Rosa, 2016) apontam que Portugal encontra-se na linha da frente dos países mais envelhecidos da Europa e a tendência será para o seu progressivo agravamento. Segundo o Instituto Nacional de Estatística (2022), verificou-se um aumento de catorze meses de vida para o total da população portuguesa. Sendo que esse aumento para os homens foi de catorze meses e quatro dias e de onze meses e três dias para as mulheres, nesta última década.

Sendo o contexto prisional algo indissociável da sociedade, e fazendo parte integrante da mesma, este acompanha genericamente este fenómeno do envelhecimento. Através do cruzamento e da recolha de dados estatísticos junto da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, é possível constatar que tem havido igualmente, um acréscimo do número de população prisional com idades mais elevadas. O envelhecimento da própria população prisional deve-se, segundo à literatura publicada, ao facto de haver mais pessoas idosas a ingressarem no sistema prisional, mas também se deve ao cumprimento de penas longas e de concessão de liberdade tardia (Carvalho, 2022; Pimentel, 2022).

Para esta franja de população reclusa, estudos nacionais, existentes nesta matéria, salientam que o ambiente prisional carece de projetos e ações que promovam um processo de envelhecimento, sem penalizações pelo facto de ser vivenciado em reclusão. Isso reflete-se, na total ausência de atividades e programas direcionados, especificamente para este grupo de reclusos e no forte condicionamento de acesso a outras atividades tal como a ocupação laboral, que conduzem à vivência do processo de envelhecimento em reclusão de forma mais penosa e negativa (Ferreira, 2018; Silva, 2018; Santos & Nogueira, 2015).

Esta tendência é igualmente reforçada por outros trabalhos académicos que evidenciam que ao nível de auxílio e respostas para o trabalho penitenciário com os reclusos idosos, muito ainda há a perspetivar, inovar e a pôr em prática. Este grupo prisional sofre assim uma dupla desvantagem social, ser idoso e ser recluso (Seller & Torres, 2016), sendo inegável que os malefícios oriundos da reclusão não acabam com o término da pena.

Apesar destas dificuldades e constrangimentos que a reclusão em idade avançada atravessa, mesmo aquando do término da pena, os idosos reclusos assumem sentimentos de otimismo e entusiasmo aquando da libertação (Oliveira, Costa & Medeiros, 2013; Pimentel, 2022; Sá, 2018). Um novo recomeço para estes indivíduos é perspetivado junto dos familiares, assumindo-se como o suporte essencial para um novo recomeço em liberdade, sendo que na ausência de laços familiares que possam prestar apoio e ajuda a estes indivíduos, a reintegração social estará dificultada (Coelho, 2014; Lopes et al, 2021).

A sustentar esta ideia, a literatura corrobora que é de extrema importância, o suporte e o fortalecimento de laços familiares, para que o indivíduo se sinta capaz de prosseguir a sua vida, sem reincidir novamente no crime até porque um novo recomeço para estes indivíduos é perspetivado junto dos familiares (Cabral & Medeiros, 2015; Lopes et al., 2021).

Este artigo pretende explicar as perceções e expectativas dos reclusos idosos quanto ao seu processo de reintegração social e de que forma as medidas efetivas que poderiam ser criadas para esta população prisional, favoreciam o seu processo de reintegração social.

## **Métodos**

Para este trabalho, a opção metodológica incidiu no método de pesquisa qualitativo. Pretendeu ser uma análise interpretativa e subjetiva da realidade, percecionada e reconstruída pelos/as reclusos/as idosos/as. Assente assim no método qualitativo, este estudo teve em vista estudar com maior profundidade a problemática da reintegração social dos/as reclusos idosos/as, partindo das suas expectativas e perceções, de uma análise documental e da análise dos discursos dos mesmos.

### *Instrumentos*

Recorremos à técnica de entrevista, assumindo a estrutura de entrevista semiestruturada. Obedeceram a um guião específico construído após a elaboração de um conjunto de dimensões e temas com respetivos objetivos da entrevista, como base na literatura efetuada. As entrevistas tiveram uma duração entre 20 a 40 minutos, e no fim das mesmas foi atribuído um número a um registo com a data, duração da entrevista, reação e forma de estar do/a entrevistado/a, e análise de comunicação não verbal. As notas de campo foram realizadas em complementaridade com a entrevista, traduzindo-se em apontamentos, do que foi sendo observado nas interações, ao nível das dinâmicas e comportamentos.

Posteriormente avançou-se com a análise de conteúdo, de forma extensiva, onde se procedeu a análise de uma significativa quantidade de informação recolhida nas entrevistas. A análise dos dados das entrevistas realizadas aos/as reclusos/as, de ambos os estabelecimentos prisionais em estudo, procedeu-se através da transcrição das entrevistas, com a elaboração das principais categorias, subcategorias, indicadores e unidades de registo. Foi elaborada uma matriz, com as respetivas unidades de codificação, associadas a cada uma das categorias para a análise de conteúdos dos reclusos idosos.

### *Procedimentos*

Em meados de maio de 2021 foi solicitada autorização à Direção Geral De Reinserção e Serviços Prisionais. Após procedermos às alterações sugeridas, o parecer definitivo data de 12 de novembro de 2021. Após a autorização da DGRSP, contactou-se os EP para um primeiro contacto. O período de permanência nos EP para a realização das entrevistas intramuros ocorreu entre junho e julho de 2022. Em meados de junho, deu-se assim início às entrevistas aos/às reclusos/as. As entrevistas ocorreram de forma seguida, tendo havido somente a necessidade de deixar para último, os reclusos idosos que se encontravam em isolamento profilático quer por transferência de EP quer por saída jurisdicional.

### *Considerações Éticas*

De modo a preservar o anonimato dos participantes nas entrevistas, os nomes utilizados são fictícios e para a concretização das entrevistas, houve a necessidade de obter um consentimento informado assinado pelos participantes. Os participantes foram igualmente informados sobre os objetivos e os propósitos do estudo e que podiam desistir a qualquer momento da sua participação. Foi reforçado o carácter anónimo, confidencial e voluntário dos/das participantes.

### *Amostra*

Foram adotados um conjunto de critérios na seleção da amostra. Concretamente, reclusos com mais de 55 anos, que estivessem em regime comum, e em cumprimento de pena efetiva independentemente da tipologia de crime. Dentro do grupo inicial dos 66 reclusos idosos com mais de 55 anos (28 regime comum/ 38 inimputáveis), optou-se por seleccionar dos 28 com os critérios acima mencionados, metade do grupo, ou seja, optou-se pelos 14 mais velhos a cumprir pena em regime comum. Quanto às reclusas idosas, o procedimento adotado foi o mesmo, ou seja, seleccionou-se as 14 reclusas mais velhas, dentro do grupo inicial de 51 com mais de 55 anos. A amostra final é composta por 28 reclusos, 14 homens e 14 mulheres.

### **Resultados**

No que diz respeito às entrevistas aos reclusos idosos/as foram três as grandes categorias relativas à análise sendo elas: a) O “Eu” antes da reclusão b) O “Eu” em reclusão; e, por fim c) O “Eu” na Liberdade.

No que concerne à categoria O “Eu” antes da reclusão, esta diz respeito ao enquadramento e levantamento dos aspetos pessoais dos reclusos anteriores à reclusão. De um modo geral, os/as reclusos/as referem que foram criados no seio familiar e que detinham na infância boa relação familiar. A maioria dos/as reclusos/as refere que estabelecia laços e vínculos afetivos com a família. Os reclusos que têm filhos, realçam a qualidade e o vínculo que tinham com os seus descendentes antes da reclusão. A nível laboral, são várias as semelhanças, quer ao nível da entrada no mercado de trabalho, muitos ainda na infância, quer ao nível do número elevado de anos a trabalhar, mas também no que se refere ao baixo nível de escolaridade que a maioria detém. De

salientar a incidência de analfabetismo verificado em algumas reclusas. Quanto à condição económica, os reclusos masculinos referiram que possuíam uma condição económica favorável antes da reclusão. Já as reclusas femininas referiram algumas dificuldades a nível económico, vivendo de forma remediada, ou seja, provinham do que era indispensável, porém não de forma folgada.

Relativamente à dimensão do O “Eu na reclusão” foram agregadas várias subcategorias. Concretamente ao nível dos sentimentos de entrada e adaptação à prisão, da visão acerca dos seus aspetos pessoais, relacionais e de vida a partir daquele momento, das relações estabelecidas no contexto prisional e da importância que é dada ao trabalho, ao ensino e atividades ocupacionais para a sua reintegração. O momento da entrada ou reentrada na prisão é encarada pela maioria dos/as entrevistados/as como um acontecimento doloroso. No caso dos primários, é mais acentuada esta questão, com sentimentos de tristeza e consternação, enquanto nos reincidentes emergem sentimentos de conformidade como se pode ler nos testemunhos:

*IB: “Foi um inferno...quando cheguei fui agredido”*

*AM: “Foi uma queda abrupta na minha vida, tudo mudou”*

São feitas várias críticas aos cuidados de saúde prestados na prisão, que consideram muito deficitários e inadequados às suas necessidades e patologias, contribuindo assim de forma negativa no seu processo de envelhecimento.

Quanto aos laços familiares, estes mantêm-se durante o tempo de reclusão. A maioria dos reclusos/as, referiu não ter sofrido rompimento de relações familiares assumindo a família, em muitos casos, a lacuna da privação de rendimentos, que é exacerbada pelo acesso dificultado a atividades laborais na prisão.

É perceptível de um modo geral, que os/as reclusos/as idosos/as, acabam por assimilar as regras institucionais, adaptando tanto a sua personalidade como a sua forma de agir ao contexto prisional, não deixando, no entanto, de manter dentro do que lhes é possível a sua individualidade. A nível relacional, em ambiente prisional, os/as reclusos/as idosos/as tendem a ser muito reservados e a não estabelecerem muitos contactos, para desta forma, se protegerem de conflitos e problemas dentro da prisão. Os seguintes testemunhos retratam as ideias anteriores:

*HM: “Relaciono-me pouco, só com o meu parceiro de cela o resto é saudações só...eu fujo dos problemas”*

*L: “Aviso a minha filha, meninas não se metam em problemas”*

Os/as reclusos/as manifestam sentirem-se pouco próximos e pouco acompanhados pelos seus técnicos, havendo até reclusos que não lhes reconhecem, a importância necessária no seu quotidiano prisional. Quanto à ocupação do tempo em reclusão, os/as reclusos idosos/as assumem acima de tudo que estarem ocupados, auxilia no passar do tempo e ocupar o dia, quer a trabalhar e/ou a realizar atividades ocupacionais. Estas evidências estão refletidas nos testemunhos:

*MG: “Trabalhar aqui tira-me os maus pensamentos e distrai-me”*

*J: “Se trabalhares, nem se pensa que se está presa, não ganhas quase nada, mas agora todo o dia na cama, à noite não dormes”*

No que concerne à categoria do O “Eu” em liberdade, as principais ideias manifestadas pelos reclusos em relação a este momento, assentam numa visão positiva e dizem respeito e centram-se principalmente no retorno da normalidade das suas vidas, na maioria, junto das suas famílias, o mais rápido possível, como refletem os testemunhos:

*KT: “Vou conseguir voltar à minha vida normal entre aspas...tenho recursos suficientes e humanos, porque tenho amigos que nunca largaram e tenho uma retaguarda familiar bastante boa”*

*JF: “Tenho uma companheira, tenho lá muito trabalho para fazer...estamos bem, somos um casal e vamo-nos apoiar um ao outro”*

No que diz respeito à reintegração social, a maioria refere ter recursos autónomos, tais como, lugar de residência para viver em liberdade e referem o apoio da família, concretamente dos filhos, para suprimir alguma necessidade que possa surgir. Alguns admitem vir a desenvolver ou a dar continuidade à atividade laboral para obterem rendimentos para a sua subsistência e apoio à família tal como retratam estes relatos:

*C: “Chegando lá fora, vou tentar procurar trabalho (...) Quando sair digo graças a Deus, quero estar com a minha família, com os meus irmãos, que me adoram e quero ajudar a criar o meu neto e ser feliz com a minha família”*

*M: “Pego no meu carro e volto a trabalhar com a cara limpa, aqui há pessoas maravilhosas, mas a minha família é a minha família, a minha filha tem a vida dela e eu estou aqui para ajudá-la”*

## **Discussão**

O presente estudo teve como objetivo geral apresentar e explorar as percepções e expectativas da população idosa que se encontra a cumprir pena de prisão quanto à sua reintegração social após o término da medida. Este estudo permitiu explorar várias questões relacionadas com as vivências dos reclusos idosos em contexto prisional destacando o facto de os/as reclusos/as idosos/as percecionarem que a entrada ou reentrada na prisão contribui de forma negativa no seu processo de envelhecimento (Santos & Nogueira, 2014; Oliveira, Costa & Medeiros, 2013). Neste estudo concluiu-se que o momento do cumprimento de pena assenta em sentimentos de tristeza, consternação e frustração por parte dos reclusos idosos. Este aspeto acompanha os demais estudos que tendem a validar que a adaptação a uma nova realidade como a da reclusão é por vezes, difícil e lenta devido precisamente perda de controle do idoso sobre os vários aspetos da sua vida.

Este estudo reforça que as práticas e procedimentos em matéria de reeducação são escassas e tendencialmente iguais para toda a população prisional, não havendo por isso nesta matéria, especificidades direcionadas e medidas adaptadas para a população reclusa idosa, o que vem corroborar os estudos de Silva (2018) e Santos e Nogueira (2015). Por outro lado, apesar de vários estudos investigativos (Ferreira, 2018; Pimentel, 2022), defenderem que a reclusão em idade avançada, na maioria dos casos, não apresenta como consequência direta o corte de laços familiares, outros estudos, também referem que são várias as dificuldades que os reclusos idosos estão sujeitos aquando a liberdade, sendo uma delas a falta de apoio, auxílio e acompanhamento. Para os reclusos idosos deste estudo, a família assume um papel importante durante o cumprimento de pena para a sua estabilidade emocional, assumindo-se igualmente como o suporte essencial para um novo recomeço em liberdade, sendo que na ausência de laços familiares que possam prestar apoio e ajuda a estes indivíduos, a reintegração social estará dificultada (Coelho, 2014; Lopes et al, 2021). Depositam assim as suas expectativas no seio familiar, quanto ao seu regresso à liberdade e à sua reintegração social, encarado como base de apoio e entreaajuda mútua, sendo este crucial para o regresso à liberdade ser bem-sucedido. Este estudo relaciona-se com a ideia de que a maioria dos reclusos idosos, assume uma “visão idealizada” assente na ausência de



limitações, no que se refere a novos projetos, quer familiares, quer sociais (Lopes et al,2021) aquando a saída da prisão. A análise da temática da reintegração social dos reclusos idosos desta investigação está em conformidade com outros estudos, que defendem que, ao contrário do que os reclusos percionam no geral, aquando da libertação e regresso à sociedade, estes deparam-se com um conjunto de dificuldades, sendo estas, ainda mais notórias e vincadas nos ex-reclusos idosos. A incapacidade de resposta para esta faixa etária prisional é assim duplamente sentida, pois tal como se verifica neste estudo e em outros, há uma ausência de respostas direcionadas e adaptadas, quer em ambiente prisional, quer no regresso à liberdade para estes indivíduos (Araújo,2015; Pimentel, 2022; Silva, 2018).

### **Conclusão**

Através deste estudo parece evidente haver a necessidade da criação de um conjunto de mecanismos quer dentro da prisão, quer na sociedade que possam contribuir para uma efetiva e securizante reintegração da população reclusa. Nas mais variadas dimensões, desde a alimentação, aos cuidados de saúde, passando pela ocupação dos tempos livres e participação ativa nas dinâmicas, quer prisionais, quer em convivência com a comunidade, possam se constituir uma via eficaz e consistente na reintegração social dos idosos que passaram pela reclusão. Medidas com impacto significativo na vida dos reclusos idosos, quer em reclusão, quer depois no regresso à liberdade, poderiam traduzir-se por um lado, em molduras penais diferentes, recorrendo a outros meios de cumprimento de pena e por outro lado, em sociedade, prove-la de respostas institucionais direcionadas para esta população em específico, de forma a assegurar a continuidade da sua integração na sociedade e para acima de tudo viver o tempo que lhes resta da melhor forma que forem capazes.

### **Referências bibliográficas**

- Araújo, A. C. S. (2015). *Os técnicos superiores de reeducação e o trabalho prisional*. (Tese de mestrado não publicada). Universidade do Minho.
- Cabral, T. Y., & Medeiros, B. A. (2015). A família do preso: efeitos da punição sobre a unidade familiar. *Revista Transgressões*, 2(1), 50-71.  
<https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/view/6652/5148>

- Carvalho, M. J. L. D., Gomes, S., Duarte, V., & Oliveira, R. (2022). População no sistema prisional português: evolução e tendências entre 2000 e 2017. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (127), 115-142.
- Coelho, D. M. D. S. (2014). *A evolução do quotidiano prisional em Portugal: O caso da cadeia de Braga* (Tese de mestrado em Serviço Social não publicada). Universidade Católica.
- Estevens, J. (2017). Saúde e despesa em saúde num Portugal envelhecido. *Revista de estudos demográficos*, (56), 41-63.
- Ferreira, C. I. (2018). *Pela voz da reclusão em idade sénior: um estudo qualitativo num estabelecimento prisional masculino* (Dissertação de mestrado em Ciências da Educação não publicada). Universidade Portucalense, Porto, Portugal.
- Instituto Nacional de Estatística, INE. (2022). *CENSOS 2021 – divulgação dos resultados definitivos*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Consultado em junho, 2022 em: Censos 2021 (ine.pt).
- Lopes, A. M. S., Gomes, M. F. P., Higa, E. F. R., Marin, M. J. S., & Lazarini, C. A. (2021). Incarcerated elderly: expectations about the future. *Millenium*, 2(15), 85-93. <https://doi.org/10.29352/mill0215.21953>
- Nunes, A. M. (2017). Demografia, envelhecimento e saúde: uma análise ao interior de Portugal. *Revista Kairós-Gerontologia*, 20(1), 133-154.
- Oliveira, L. V., Costa, G. M. C., & Medeiros, K. K. A. S. (2013). Envelhecimento: significado para idosos encarcerados. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 16(1), 139-148.
- Pimentel, A. C. M. (2022). Envelhecimento e reclusão: um olhar pluridimensional de vivências, experiências e perceções. *Revista da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais*, 8, 75-104.
- Rosa, M. J. V. (2016). *O envelhecimento da sociedade portuguesa*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Sá, T. I. M. de. (2018). *Envelhecimento em Contexto Prisional: Os olhares das Reclusas Idosas e das Técnicas Superiores de Reeducação* (Tese de mestrado em Criminologia não publicada). Instituto Universitário da Maia – ISMAI, Porto, Portugal.

- Santos, C., & Nogueira, A. (2014). *Envelhecimento em Contexto Prisional* (Tese de Mestrado em Gerontologia Social não publicada). Instituto Superior de Serviço Social do Porto, Senhora da Hora, Porto, Portugal.
- Santos, C., & Nogueira, A. (2015). Envelhecer em Contexto Prisional. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 18(1), 39-48.
- Seller, E., & Torres Torres, M. (2016). Análisis de las personas mayores privadas de libertad en España: el caso del Centro Penitenciario de Madrid VI. *Cuadernos de Trabajo Social*, 30(1), 187-200.
- Silva, R. M. (2018). *Envelhecer e viver na prisão: as vivências prisionais de reclusos/as idosas/as* (Tese de doutoramento em Sociologia não publicada). Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.

**“Os autores declaram que não há conflito de interesse.”**